

Fundamentos bíblico-teológicos da maternidade de Maria

Geraldo Barboza de Carvalho

Introdução

Jesus Cristo é o Redentor (goel) da humanidade. Como Goel, Ele é figura corporativa, que reúne na sua Pessoa os seres humano e toda a criação, de modo que toda ação do Goel atinge os seres que ele representa. A corporeidade de Jesus é representada pelas figuras da videira e dos ramos, do templo e as pedras vivas, da cabeça e dos membros do corpo. A ação redentora do Jesus preexiste à encarnação do Verbo, já que o “Cordeiro está de pé e imolado desde antes da criação do mundo. Ele é antes de tudo e tudo nele subsiste. Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que abençoou-nos com toda a sorte de bênçãos espirituais, nos céus, em Cristo. O Pai nos escolheu Nele antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis diante dele no amor. Ele nos predestinou para sermos seus filhos adotivos por Jesus Cristo, conforme o beneplácito da sua vontade, para louvor e glória da sua graça, com a qual ele nos agraciou no Amado. Ele é a Imagem, o esplendor da glória e a expressão do ser do Deus invisível, o Primogênito de toda criatura, porque nele foram criadas todas as coisas, nos céus e na terra, as invisíveis e as visíveis. Tudo foi criado por meio dele e sem ele nada foi feito. Tudo foi criado por Ele e para Ele. Nele nos movemos, existimos e somos”. O Filho de Deus, origem e fim de todas as coisas, por amor de nós fez-se carne, fragilidade. Toda a criação está envolta na gratuidade da Sua presença entre nós, em sinal do cuidado do Pai com tudo que criou. O Primogênito é a no-víssima sarça ardente no novo fogo do Amor que incendeia os corações e não se consome nem os consome, a qual torna a terra da danação na terra santa, Morada da SS Trindade entre nós, uma vez por todas. “O Verbo se fez carne e habita conosco”. Encarnando-se em Maria, Únigênito incorporou todos os seres humanos, criados nele e por Ele “à imagem e semelhança de Deus”, e a criação inteira. Maria gestou no seu ventre a figura corporativa de Jesus Cristo, que inclui em si todos os seres criados, desde antes da criação do mundo, ab eterno. Por isso, Ela não é só a Mãe do homem-Deus, mas também de todos que Jesus representa e corporifica. “Quando eu for elevado da terra, atrairei todos a mim”, diz Jesus aludindo à morte de cruz, ressurreição e ascensão. Ora, a ressurreição da carne em Cristo e com Cristo se deu desde a encarnação do Verbo, que implodiu o pecado do mundo e restaurou a antiga criação e inaugurou a nova criação, encabeçada pelo Primogênito da nova criação. A morte, a ressurreição, a ascensão de Jesus e Pentecostes ratificam em definitivo a nova criação inaugurada na encarnação. Portanto, o Verbo encarnou-se em Maria junta-mente com todos os que “jaziam nas trevas e na sombra da morte”, pra gerá-los e agraciá-los com “toda espécie de bênçãos espirituais”, cuja maior é filiação divina. Maria é, pois, a Mãe de Jesus, da humanidade, da criação invisível e visível, da Igreja militante, triunfante e padecente, dos anjos e de todo o cosmos (1).

Pode-se fundamentar bíblica e teologicamente a maternidade de Maria? Não há dúvida que **Maria é a Mãe de Jesus**. Há registros abundantes de Gênesis a Apocalipse. “Porei hostilidade entre ti a mulher, entra a tua descendência e a descendência dela. Eis que uma virgem conceberá e dará à luz um filho, que se chamará Emanuel, Deus-Conosco. Quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho ao mundo, nascido de mulher, pra nos remir da maldição da Lei. Jacó gerou José, o esposo de Maria, da qual nasceu Jesus. Ela dará à luz um filho e tu o chamarás com o nome de Jesus, porque ele libertará seu povo dos seus pecados. Quando completaram-se os dias para o parto, ela deu à luz o seu filho primogênito. Ao entrar na casa, os magos viram o menino com Maria, sua mãe. Disse o anjo a José: Levanta-te, toma o menino e sua mãe e fuge para o Egito. Ao vê-lo, sua mãe lhe disse: Meu filho, porque agiste assim conosco? Houve um casamento em Caná da Galiléia e a mãe de Jesus estava lá. Não é ele o filho do carpinteiro? Não se chama a mãe dele Maria: Foi alguém avisar Jesus: Tua mãe e teus irmãos estão lá fora e desejam ver-te. Dis-se-lhes Ele: Minha mãe e meus irmãos são estes que ouvem a Palavra de Deus e praticam-na. Do meio da multidão uma mulher bradou: Feliz o ventre que te trouxe e os peitos que te amamentaram. Ele respondeu: antes, bem-aventurados aqueles que ouvem a Palavra de Deus e a praticam. Perto da cruz de Jesus estava sua mãe e a irmã de sua mãe. No Senácu-lo de Jerusalém, estavam todos unânimes, perseverantes na oração com algumas mulheres, entre elas Maria, a mãe de Jesus”. Sem dúvida, Maria é a mãe Jesus, embora tenha sido gerado sem relação sexual com José – “Maria disse ao Anjo: Como vai ser isso se não co-nheço homem algum (como marido)” –, mas pela fecundante de Deus Mãe e o poder gera-dor do Pai – “O Espírito Santo (Deus Mãe) virá sobre ti e o poder do Altíssimo (o

Pai) te cobrirá com a sua sombra”–, Maria gestou Jesus por nove meses como qualquer mulher, O pariu por vias naturais (Ela é Dei Genitrix, Deípara, Mãe de Deus encarnado, Theotokos), dispensou todos os cuidados que uma mãe tem com seu recém-nascido (2).

Mas faz sentido afirmar que Maria é também a mãe dos seres humanos, se nenhum de nós foi gerado no seu ventre nem parido por ela? De que tipo de maternidade se trata? Na teologia da Igreja Católica e ortodoxa, é consuetudinário que Maria é nossa Mãe porque Jesus no-la deu na pessoa do discípulo amado, nos estertores da cruz. “Jesus, vendo sua mãe, e perto dela, o discípulo que amava, disse a sua mãe: Mulher, eis o teu filho! Depois disse ao discípulo: Eis aí tua mãe. E a partir daquela hora o discípulo tomou-a em sua ca-sa”. Ora, a entrega da mãe de Jesus a João evangelista não parece ser razão suficiente para que ela seja a mãe da humanidade. O discípulo amado é um homem comum, membro do Corpo de Cristo como todo ser humano. Mas ele não é figura corporativa. Parece, pois, forçado que João evangelista represente a filiação universal da humanidade em relação a Maria. Porque, Jesus é **a única figura corporativa**, o único Goel que reúne misticamente na sua Pessoa a humanidade inteira na desgraça do pecado e na graça da salvação, extensi-vas à criação inteira: “Até quando se lamentará a terra e ficará seca a erva do campo? Por causa da maldade de seus habitantes perecem animais, pássaros e peixes. A criação inteira sofre as dores do parto até o presente, na esperança de também ser libertada da escravidão do corrupção, pra entrar na liberdade da glória dos filhos de Deus. O Filho de Deus mani-festou-se pra tirar os pecados e nele não há pecado. Deus enviou seu Filho em carne seme-lhante à carne do pecado e em vista do pecado, condenou o pecado na carne. Aquele que não conheceu o pecado, Deus o fez maldição, pecado por nossa causa, pra que, por ele, nos tornemos justiça de Deus. Javé fez cair sobre ele nossas iniquidades. Eram nossas en-fermidades, nossas dores que ele levava sobre si (bode expiatório, Cordeiro de Deus). Na verdade, levou sobre si o pecado de muitos e pelos transgressores fez intercessão. Por suas feridas fomos curados”. **A função de Redentor** (goel) é **exclusiva de Jesus**, excluído todo outro ser humano. Por isso, não é razoável fundamentar a maternidade universal de Maria considerando apenas Jo 19,26-27. Mas, parece de bom alvitre que, ao entregar Sua Mae ao discípulo amado, primo em primeiro grau (irmão) e amigo da Sua confiança, Jesus quises-se proteger sua mãe, viúva e idosa, que não teria mais os braços fortes do carpinteiro Jesus para ganharem seu sustento. Nada mais natural que entregá-la ao sobrinho, que “a tomou na sua casa” e cuidou dela como Jesus cuidaria. Tentemos outros caminhos, pois (3)

Para entender a maternidade universal de Maria, faz-se mister referi-la a Jesus Redentor, situá-la **no contexto do mistério pascal**. Trata-se de **maternidade escatológica**, não bio-lógica. Jesus é o ‘Eschatos’, o Último enviado do Pai para revelar Seu “mistério envolvido em silêncio desde os séculos eternos, agora, porém, manifestado e, pelos escritos proféti-cos e por disposição do Deus eterno, dado a conhecer a todos os gentios, para levá-los à obediência da fé. Alguém jamais viu Deus: o Filho único, que está voltado para o seio do Pai, deu-O a conhecer”. Jesus é a revelação corporal do mistério do Pai, “testemunha fiel” do que viu e ouviu na comunhão com o Pai e Deus Mãe. A escatologia estuda os mistérios das últimas e futuras coisas reveladas, enfeixadas em Jesus Cristo Encarnado e Ressuscita-do, a esperança futura tornada presente mediante “a fé agindo no amor fraterno”. Pois, a maternidade de Maria se insere no contexto das últimas coisas reveladas no “Primogênito de toda criatura entre muitos irmãos”. Ele é a revelação plena do Pai: “Eu e o Pai somos um. Quem me vê, vê o Pai”. A revelação escrita arrimase na Revelação-fato: “O Verbo se fez carne e habitou entre nós”. Ele é o Portador do Espírito de santidade do Pai, que santi-fica o Filho e os filhos nele. Jesus revela a Família Divina. O Credo judeu-cristão reza que há “um só Deus, Criador de todas as coisas visíveis e invisíveis”. Jesus incorporou o monoteísmo judaico, pois Seu Deus é o Deus único de Abraão, Isaac e Jacó. “Ouve, Israel! Javé nosso Deus é o único Javé. Não terás outros deu-ses diante de mim”. Mas Jesus matizou o rígido monoteísmo judaico, revelando que há um só Deus, substancialmente único, mas ele não é um Deus solitário. A riqueza da substância divina se manifesta em Três Pes-soas distintas e com funções específicas. Mas, cada Pessoa age e interage com e em função das outras, de modo a preservar a intenção salvífico-criadora única. A criação inteira, nas diversas fases – intratrinitária (coeva da SS Trindade), a temporal e a nova criação) – é obra das Três Pessoas divinas: Não só o Pai é Criador, Deus Mãe e Deus Filho também o são. “Creio em Deus, **Pai Criador** do céu e da terra” (Credo Niceno). “No princípio Deus criou o céu e a terra. E Deus viu que isso era bom, muito bom. São salutare as criaturas do mundo. Sim, amas tudo o que criaste, e

não te aborreces com nada do que fizeste; se al-go tivesses odiado, não a terias feito. Deus criou tudo pra que subsista. Como algo subsistiria se não o tivesses querido?”. **Deus Mãe é Criadora:** “Creio no Espírito Santo, Senhor (a) que dá a vida (Credo Niceno-constantinopolitano). Senhor, como são numerosas tuas obras! Com sabedoria tudo fizeste, a terra está cheia das tuas criaturas. Se escondes teu rosto, elas desfalecem, se lhes tiras a respiração, morrem, voltam ao pó. Mas envias teu Espírito, são criadas e renovas a face da terra”. **O Filho é Criador:** “O Filho existe antes de todas as coisas no Princípio junto de Deus Pai. Ele é a Imagem do Deus invisível, o resplendor de sua glória, a expressão do seu ser; o Primogênito de toda criação, pelo qual o Pai criou os séculos; nele todas as coisas têm consistência e foram criadas, no céu e na terra, os seres invisíveis e os visíveis; tudo foi criado através dele e para ele. Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito de tudo que existe. Nele estava a vida e a vida era a luz dos homens. Nele temos a vida, nos movemos e existimos”. O **Deus único** judeu-cristão é, portanto, uma **Família fecunda**, origem e modelo de toda família humana. O Pai e Deus Mãe geraram Deus Filho de toda eternidade e, nele, com ele, por ele geraram todas as coisas “desde o princípio, antes da criação do mundo”. Graças à fecundidade de Deus Mãe e o poder gerador do Pai, o Filho é gerado ab eterno na Trindade imanente. Na plenitude do tempo, a geração do Filho se dá no ventre de Maria pelo o **mesmo processo** de geração intratrinitária. Com a diferença: na Trindade econômica o Unigênito toma corpo de carne e se torna o Filho do Homem, Primogênito de toda criatura. Nele o Criador se faz criatura ao assumir corpo de carne, sangue, órgãos, nervos, ossos, necessidades fisiológicas, com vontade, sentimentos, sensibilidade, inteligência, tudo que é próprio à condição humana, exceto o pecado. “**Deus o criou** o homem à sua imagem e semelhança, **homem e mulher** os criou e disse-lhes: Frutificai e multiplicai-vos, povoai a terra”. Sendo **imagem** do Criador, homem e mulher têm as **características** pontuais do **Original**. Se a imagem é pai, mãe e gera filhos, a Família de Deus gera o Filho ab eterno, e nele gera filhos e filhas de Deus. Por isso, a substância do Criador é paterna, materna e filial. Mas a natureza da imagem não é idêntica à natureza do Original, mas apenas **semelhante**. Deus uno e trino ama, conhece, cria com perfeição, sem usar elementos exteriores a seu poder criador e cognitivo. O casal humano também ama, conhece, gera filhos, são éticos e gregários não de maneira absoluta, mas à semelhança do Pai, de Deus Mãe e do Filho. Em suma, paternidade, maternidade, filiação, fraternidade originam-se no Deus Criador (4).

Paternidade Divina – Deus é Pai: “Criei filhos e filhas, fi-los crescer, mas contra mim se rebelaram. O boi conhece seu dono, o jumento, a manjedoura do seu senhor. Mas meu po-vo não pode entender, Israel é incapaz de conhecer. É isto que devolveis a Javé? Povo idi-ota e sem sabedoria! Não é ele teu Pai, teu Criador? Ele próprio te fez e firmou-te. Não temos todos um único pai? Não foi um único Deus que nos criou? Por que agimos pérfida-mente uns com os outros, violando a aliança de nossos pais? Ainda que Abraão não nos conhecesse e Israel não tomasse conhecimento de nós, Javé, és nosso Pai, nosso Redentor: tal é teu Nome desde a antiguidade. Javé, tu és nosso Pai, nós somos a argila e tu és nosso Oleiro, todos nós somos obra de tuas mãos. Dobro os joelhos diante do Pai, de quem toma o nome toda família no céu e na terra. Bendito seja Deus, o Pai do Senhor Jesus Cristo, o Pai das misericórdias, Deus de toda consolação. Disse Jesus a Madalena: Não me retenhas, pois inda não subi ao Pai. Mas, vai a meus irmãos e dize-lhes: Subo a meu Pai e vosso Pai. O Pai vos ama: o que lhe pedirdes no meu nome, eu o farei, pra que o Pai seja glorificado. Não andeis preocupados, dizendo: que comeremos, beberemos ou vestiremos? De fato, os gentios é que estão à procura de tudo isto: o vosso Pai celeste sabe que tendes necessidade de todas essas coisas. Quando orares, entra no teu quarto, fecha a tua porta e ora ao teu Pai que está lá, no segredo; e ele que vê no segredo, te recompensará. Orai desta maneira: Pai nosso que estás nos céus, venha o teu Reino, o pão nosso de cada dia nos dá hoje” (5).

Maternidade Divina: Deus criou sua imagem e semelhança homem e mulher, capazes de, unidos, geram filhos. Para haver filho, é preciso haver pai e mãe. Em Deus também. O Espírito Santo é a fecundidade de Deus, assim como os ovários e o útero são a fecundidade da mulher, a imagem e semelhança feminina de Deus. Os filhos humanos nascem da carne e do sangue; os filhos de Deus nascem da água e da fecundidade de Deus Mãe, Vínculo da união e da unidade entre o Pai e o Filho. Há sinais de Deus Mãe no AT: “Israel ainda era criança e eu já amava-o, segurava-o com laços de amor materno, laços humanos. Pode uma mulher esquecer-se daquele que amamenta? Ainda que ela te esquecesse, nunca eu te esqueceria. Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são envia-dos, quantas

vezes eu quis ajuntar os teus filhos como uma galinha junta seus pintinhos de baixo das asas, e não quiseste”. **Filiação Divina e Fraternidade:** “Deus amou tanto o mundo que entregou Seu Filho Único, para que, todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. A todos que o receberam, aos que crêem em seu nome, Eu deu o poder de se tornarem filhos de Deus; estes não foi gerado do sangue, de uma vontade da carne, nem de uma vontade do homem, mas de Deus. E o Verbo se fez carne, nasceu de mulher e habitou entre nós, para que recebêssemos a adoção filial por Ele, em relação ao Pai e Deus Mãe, e a Maria. E porque sois filhos, Deus enviou aos vossos corações o Espírito do seu Filho que clama: Abba, Pai!”. A fraternidade e filiação dos cristãos derivam, portanto, do Espírito filial e fraterno do Filho vertido em nossos corações desde a criação intratrinitária: “no seu amor o Pai nos destinou a sermos adotados como filhos, por Jesus Cristo, desde “antes da criação do mundo”. Nossa filiação e fraternidade são mediadas pela maternidade de Maria, quando o Filho Único foi gerado nela e seus irmãos com Ele: “Razão por que Ele não se envergonha de os chamar *irmãos*, dizendo: Anunciarei o teu nome aos meus irmãos. Eis-me aqui com os filhos que Deus me deu. Uma vez que os filhos têm em comum carne e sangue, por isso também ele participou da mesma condição”. Por isso, se na *Trindade imanente* o Pai e Deus Mãe do Filho Único também são o Pai e a Mãe dos filhos adotivos, na *Trindade econômica* o Pai e Deus Mãe do Primogênito permanecem o Pai e a Mãe dos filhos adotivos. Pelo viés da encarnação, o Primogênito ganhou uma *Mãe escatológica*, que, em virtude da união ontológica dos filhos adotivos com o Primogênito, Sua Mãe tornou-se também nossa Mãe. Como se deu isto? Querendo fazer-nos membros da Família Divina, o Unigênito fez-se homem para nos divinizar, fazer-nos “partícipes da natureza filial divina”. Ora, Maria é a mediação humana escolhida pelo Criador para que, nela e por ela o Unigênito assumisse a condição humana, ensejando nossa adoção filial em relação à Família de Deus e a Maria. A fecundidade de Deus Mãe e a potência do Pai gera-ram o Unigênito **ab eterno** e geraram nele, com ele, por ele filhas e filhos e toda a criação ideal; geraram a **criação temporal**, saída boa das mãos do Criador; geraram no ventre de Maria, **na plenitude do tempo**, o Redentor da humanidade pecadora, Primogênito de toda criatura e nele, com ele e por ele, simultaneamente, geraram-nos filhos e filhas de Deus e da Mãe Maria. Est é, de direito, Mãe do Redentor e dos redimidos, do Primogênito e dos filhos adotivos nele; Mãe da nova criação, do novo povo de Deus, da Igreja, Corpo Místi-co de Cristo, da Cabeça dos membros.

(1) Maria é a Mãe de Jesus – Destaca-se na Igreja a virgindade de Maria quase mais que sua maternidade. Ora, desde o início do cristianismo, a maternidade, não a virgindade de Maria foi motivo de disputa teológica entre Nestório de Antioquia e Atanásio de Alexandria e definida como dogma de fé no Concílio de Éfeso (431). Teve peso grande na definição da maternidade de Maria a veneração popular desde a Igreja primitiva. Se ela é a Mãe de Jesus e Este Filho de Deus, Maria é Mãe de Deus: “o Santo que de ti nascer se chamará **Filho de Deus**, porque Ele libertará Seu povo dos seus pecados”, uma vez por todas. Ser Mãe de Deus (*theotokos*) é o maior título de Maria, porque sua maternidade é *a ponte entre Deus e a humanidade*, a mediação humana pra entrada do Unigênito no mundo, assim como Deus Mãe é o vínculo entre o Pai e o Filho na Família Divina. Deus Mãe é útero úbe-re de Deus Trino que se instalou no útero de Maria quando da encarnação do Verbo. A fecundidade de Deus Mãe e a potência do Pai geram o **Unigênito** na Trindade imanente e o **Primogênito** no ventre de Maria na Trindade econômica, na plenitude do tempo. “Quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho ao mundo nascido de uma mulher. O anjo entrou no recinto onde Maria se achava e disse-lhe: ‘Ave cheia de graça, Javé é contigo. Não temas, Maria, pois encontraste graça diante de Deus. Eis que conceberás e darás à luz um Filho e lhe porás o nome de Jesus, pois salvará Seu povo dos seus pecados. Ele será grande e se chamará Filho do Altíssimo. O Espírito Santo (**Deus Mãe**) virá sobre ti e a força do Altíssimo (**Deus Pai**) te envolverá com sua sombra. Por isso, o Santo que nascer de ti se chamará **Deus Filho**. E o Verbo se fez carne e habitou entre nós. Eis por-que, ao entrar no mundo, Ele diz: Não quiseste sacrifícios e oblações, mas deste um corpo. Holocaustos e sacrifícios pelo pecado não te agradam. Então eu disse: Eis que eu venho, Deus, pra fazer a Tua vontade. E foi em virtude desta vontade de Deus que temos sido santificados uma vez por todas pela **oblação do corpo de Jesus Cristo**”. Olação feita desde a geração do Primogênito no ventre de Maria. O Deus todo-poderoso está agora adstrito aos limites de uma **célula genital fecundada** no ventre de Maria e cumprirá por nove meses o processo inteiro da gestação de um feto humano, pois é igual a nós até nisto. Pois, embora “seja de condição divina, não se prevaleceu da sua

igualdade com Deus, mas aniquilou-se, assumiu a condição de escravo, assemelhando-se em tudo aos homens. Convinha que ele se tornasse em tudo semelhante a seus irmãos, pra ser um Pontífice compassivo e fiel ao serviço de Deus, capaz de expiar os pecados do povo. Pois, por ter suportado tribulações, está em condições de vir em auxílio dos atribulados”. Portanto, a kénosis do Filho inicia-se na Trindade imanente e continua na Trindade econômica. No céu ele é todo dom ao Pai e a Deus Mãe: “Tudo o que é meu é teu, tudo o que é teu é meu. O Paráclito receberá do que é meu vos anunciará. Tudo o que o Pai tem é meu. Por isto, Deus Mãe receberá do que é meu vos anunciará”. Ao entrar no mundo **parido** como todo ser humano, Deus valorizou maternidade da mulher casada e da solteira. A kenosis da geração na carne de pecado do Primogênito desdobra-se nas tribulações de Maria na gestação e no parto. Por ser mãe solteira, ela estava na iminência de ser apedrejada e morrer juntamente com Jesus. Quando Gabriel encontrou-se com Maria, ela estava “comprometida em casamento com José”. De fato, esposa dele, embora ainda não coabitassem. Assim que engravidou, sem nada dizer a José, foi Maria rapidamente dar a notícia a Isabel e assisti-la nos últimos meses da gravidez de João Batista. Terminada sua estadia em Ain Karin, retorna a Nazaré, no quarto mês de gravidez. Ao vê-la, José percebeu os sinais da gravidez de Maria, perturbou-se e planejou fugir, sem denunciá-la, porquea trinha como uma moção honesta. Não mais casaria com ela, a deixaria enfrentar só a gravidez, o parto, a criação do filho bastar-do e a inclemência da Lei com as mães solteiras. Mas, Deus se antecipou e enviou o anjo Gabriel pra dizer a José o que acontecera com Maria e qual seria seu papel nesta inusitada situação: Casaria com Maria, daria o nome ao filho dela como é costume nas famílias judias. Maria teria um esposo, Jesus nasceria numa família judia padrão, teria um pai. Para todos os efeitos, embora adotivo, Jesus era filho de Maria e José. “Eis como nasceu Jesus: Sua mãe Maria estava desposada com José. Ocorreu que ela concebeu em virtude do Espírito Santo, antes de coabitarem. José seu esposo, homem de bem, não querendo difamá-la, resolveu rejeitá-la secretamente. Enquanto assim pensava, um anjo do Senhor apareceu-lhe em sonhos e lhe disse: José, filho de Davi, não temas receber por tua esposa Maria. Pois, o que foi concebido nela vem de Deus Mãe e do Pai. Ela dará à luz um filho, a quem porás o nome de Jesus, porque salvará seu povo dos seus pecados. E sem que ele a tivesse conhecido, ela deu à luz seu filho, que recebeu o nome de Jesus. Quando se completaram seus dias, Maria “deu à luz seu filho primogênito e, envolvendo-o em faixas, reclinou-o num presépio; porque não havia lugar para eles na hospedaria“. No dia da purificação de Maria e Jesus, Simeão profetizou as tribulações da Mãe e do Filho. “Quando completaram-se os dias pra purificação deles, segundo a lei de Moisés, o levaram a Jerusalém, pra apresentá-lo ao Senhor. Simeão os abençoou e disse a Maria, a mãe: Eis que este menino foi colocado pra queda e soerguimento de muitos em Israel, como sinal de contradição, pra que se revelem os pensamentos íntimos de muitos corações. Quanto a ti, uma espada transpassará tua alma”. A visita dos reis magos a Jesus provocou a perseguição de Herodes, que obrigou o casal a fugir pro Egito com o menino. Quando atingiu a maioridade aos 12 anos, dono dos seus atos, sem aviso, Jesus separa-se dos pais depois da Páscoa em Jerusalém. “Três dias depois, seus pais o acharam no Templo, sentado entre os doutores, ouvindo-os e os in-terrogando; todos que o ouviam ficavam extasiados com sua inteligência e respostas. Ao vê-lo, ficaram surpresos, e sua mãe disse-lhe: Meu filho, por que agiste assim conosco? Olha que teu pai e eu, aflitos, te procurávamos. Ele respondeu: Por que me procuráveis? Não sabíeis que devo estar na casa do meu Pai? Porém, eles não entenderam a palavra que lhes dissera”.

É notável que os textos bíblicos não põem em relevo a virgindade, mas a maternidade de Maria. Pra fé judeu-cristã, **virgindade** é categoria teológica, não biológica. As mulheres judias abominam a virgindade biológica, considerada maldição. Bênção era ser mãe. Por isto, o AT e NT trazem cinematográficas histórias de maternidade, como a das idosas Sara, Ana mãe de Sansão, Ana mãe de Samuel, Isabel mãe de João Batista, e a misteriosa e inédita maternidade de Maria, a Mãe de Jesus, no qual “habita corporalmente toda a pleni-tude da divindade”. Como categoria teológica, a virgindade consiste no cumprimento do primeiro mandamento do Decálogo: “Amarás Javé teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu espírito, com todas as tuas forças”. Amar Deus com amor exclusivo é a virgindade de homem e mulher, casados ou solteiros. Prostituição é amar as coisas criadas mais que Deus, dividir o coração com outros deuses. Eis a verdadeira idolatria. **Idolatria**, eis a **prostituição** que ofende Deus, muito mais que a prostituição biológica. Maria é virgem por sua fé absoluta, não porque não tenha tido relações heterossexuais. Ela estava em comunhão tão íntima com Javé, seu coração estava tão cheio do amor divino

que o Anjo a saudou chamando-a “cheia de graça”, da presença vivificante de Deus Mãe e do Pai. E por estar preta de Deus, de imediato se tornou Mãe de Deus e por isto, virgem: virgem porque mãe. Na ordem da fé, maternidade antecede a virgindade. É notável que Je-sus não dava importância ao fato de muitas mulheres serem prostitutas, amigadas, adúlteras, mas foi duríssimo com os fariseus, que ostentavam santidade ritual do cumprimento da letra, não do espírito compassivo da Lei. Em nome da lei, humilhavam os pecadores e os pobres. Jesus os chamava de incircuncisos, geração má, raça de víbora. A circuncisão, sinal de pertença exclusiva a Javé e a seu povo, virou ritual vazio. Os profetas martelavam sobre o espírito da circuncisão. “*Tirai o prepúcio do vosso coração, circuncidai-vos para Javé. Javé teu Deus circuncidará o teu coração e o da tua descendência, para que ames Javé teu Deus com todo o teu coração e com toda a tua alma, e vivas*”. A virgindade que agrada Javé é o coração reto, vida justa, ética de solteiros e casados, mais que a virgindade biológica. A esterilidade e a virgindade biológica eram sinais de maldição na cultura judaica. Mas ser mãe era das maiores bênçãos para elas e o povo hebreu. Era o sonho de toda moça judia, por ser sinal de fecundidade e bênção Javé. Deve ter sido grande a alegria de Maria ao saber que seria mãe. Ainda mais, a mãe do Redentor da humanidade. Por isso, é natural supor que teve filhos com José, além de Jesus, pois eram casados. Tinham direito e o dever de gerar filhos. O casamento é instituição abençoada por Deus desde a criação. Gerando filhos, o casal teria certeza que sua união era abençoada. Por isso, ter outros filhos com José, em vez de diminuir, exalta a maternidade de Maria. Jamais é vergonhoso ser mãe, mas ser virgem ou estéril. Por isso, a Igreja primitiva e a NT exaltam a maternidade, não a virgindade de Maria. O culto da virgindade na Igreja vem do platonismo e da gnose, não da revelação judeo-cristã. Segundo essas filosofias, a virgindade biológica é a máxima perfeição. Para os gregos, o amor sublime era a pedofilia. O casamento é mal necessário. Maria resgatou a dignidade da maternidade, da virgindade e do casamento. Sua maior glória é ser mãe, não virgem. Exaltando a maternidade de Maria, NT e Igreja primitiva mostram grande respeito pela maternidade e igual dignidade da mãe solteira ou casada. Pois, a fecundidade da mulher a torna semelhante à fecundidade de Deus. A maternidade se origina no mistério da Família Trinitária, é dom divino merecedor da maior veneração. É tão maravilhosa ser mãe que até o Deus do céu quis ter uma Mãe na terra (6).

(2) **Maria é a Mãe dos irmãos de Jesus** – A maternidade de Maria em relação à humanidade decorre de ser ela a **Mãe do Redentor**, do Goel da humanidade. Sendo a Mãe do Redentor, ela é também Mãe dos redimidos, enxertados nele, na vida dele. **Jesus** deu a chave da maternidade escatológica de Maria quando nos chama “**meus irmãos**” no encontro com Maria Madalena no Dia da ressurreição “Vai aos meus irmãos”. Ele também chama seus irmãos aqueles que socorremos nas necessidades de comida, bebida, roupa, saúde e liberdade: “Todas as vezes que destes de comer e beber, que vestistes e visitaste na prisão e no hospital um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes. E todas as vezes que deixastes de socorrer algum destes meus irmãozinhos, a mim deixastes de fazê-lo”. A carta aos Hebreus ratifica nossa fraternidade escatológica: “Aquele para quem e por quem todas as coisas existem, desejando conduzir à glória muitos filhos, deliberou elevar à perfeição, pelo sofrimento, o Autor e Realizador da salvação deles, para que Santificador e santificados formem um só todo. Por isso, Jesus não hesita em chamá-los seus irmãos”. Ao dizer que é videira e nós os ramos Jesus alude a Sua união vital conosco: “Eu sou a videira e vós, os ramos. Assim como o ramo não pode dar frutos por si mesmo, se não permanecer na videira, tampouco vós podeis dar frutos se não permanecerdes em mim. Pois, sem mim, nada podeis”. Pedro usa a imagem do **templo**, cujas pedras vivas somos nós, unidos à pedra angular, Jesus. Paulo usa a imagem do **corpo e dos membros** para traduzir a união mística dos irmãos de Jesus com ele e entre si. Jesus Cristo é o Corpo, os seres humanos salvos por Ele na cruz e ressurreição somos membros do Seu Corpo. Cristo, a humanidade e a criação redimidas formam a unidade ontológica ‘Corpo Místico de Cristo’. A **simbiose mística** com Jesus une inseparavelmente nosso ser ao dele: Ele assumiu nossas iniquidades, as destruiu na kénosis da cruz e nos comunicou a vida divina na ressurreição. “Vós sois o Corpo de Cristo e seus membros, cada um por sua parte. Pois, como num só corpo temos muitos membros e cada membro tem diferente função, assim nós, embora sejamos muitos, formamos **um só corpo em Cristo** e cada um, todos nós somos **membros uns dos outros**. Num só Espírito fomos batizados para formarmos um só Corpo com Cristo: todos fomos impregnados do mesmo Espírito. Cristo é a Cabeça e nós, os membros do Corpo Místico”. Unidos

misticamente a Cristo, vivemos Sua vida: “já não sou que vivo, é Cristo que vive em mim”. A vida divina que Cristo comunica aos membros do seu Corpo os faz **partícipes da Sua natureza divina**, filhos do Pai, de Deus Mãe e Maria e irmãos de Jesus e uns dos outros no Filho.

Como aconteceu nossa incorporação em Cristo? O ser humano é devedor insolúvel a Deus: o pecado é sua dívida impagável. Jesus a assume e se oferece pra pagá-la por nós, como fazia o **goel hebreu**, que casava com a viúva sem filhos do irmão, dava-lhe filhos, tirava-lhe a desonra da virgindade e pagava suas dívidas (Cf. Lv 5,5-10). “Aquele que não conheceu o pecado, Deus o fez pecado por nós, para que nele nos tornássemos justiça de Deus. Cristo nos remiu da maldição do pecado fazendo-se maldição”, incorporando nossos pecados, morrendo na cruz no lugar dos malditos, **destruindo consigo a maldição**, fora de Jerusalém, como o bode expiatório morria de fome e sede no deserto da Judéia, carre-gando os pecados do povo, que eram destruídos quando o bode de Azazel morria. “Jesus, o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo, Fruto bendito do ventre de Maria”, fez-se **maldição vicária** para salvar seus irmãos da **maldição real**. Pois, “se um só morreu por todos, todos morreram” com ele. Mas, como se trata de morte redentora, ao mesmo tempo que matou nossos pecados e nos livrou da morte eterna, deu-nos a vida nova na ressurreição, pela fé. “Deus, que é rico em misericórdia, impulsionado pelo grande amor com que nos amou, quando estávamos mortos por causa dos nossos pecados, deu-nos a vida juntamente com Cristo, ressuscitou-nos com ele e fez-nos assentar nos céus com Cristo Jesus. Por isso, já não somos peregrinos ou hóspedes, mas concidadãos dos santos, membros da Família Divina”. O lugar dos filhos é na casa dos Pai. Pela fé e esperança, com Jesus e Mãe Maria já vivemos na Família de Deus. “Quem crê em mim já tem a vida eterna”. A fé nos incorpora no Corpo de Cristo, Que nos introduz na intimidade da Família de Deus. Sendo nosso Goel, Jesus é a **figura forporativa** que, encarnando-se, assumiu vicariamente no seu Corpo santo os pecados da humanidade e da criação inteira, morreu com eles na cruz, ressuscitou conosco, incorporou-nos em definitivo ao seu Corpo redivivo, fez-nos membros da Família Divina. O Corpo de Cristo é a nova tenda (shekiná) da Família de Deus, que reúne os filhos e filhas de Deus com o Filho Primogênito. Davi queria fazer uma casa suntuosa pra Javé. Javé não aceitou e disse que Seu lugar preferido de morar é no meio do seu povo. Caberia a um descendente de Davi, o carpinteiro Jesus realizar o sonho de Javé, construir a Morada perfeita (Cf. 2Sm 7; Jo 2,21): “Eis a tenda de Deus com os homens. Ele habitará com eles; eles serão seu povo e ele, Deus-com-eles, será seu Deus”. Maria é Mãe da nova Shekiná e seus membros; Mãe do Primogênito e seus irmãos, filhas e filhos adotivos, “escolhidos nele antes da criação do mundo para sermos santos”. Mãe da Cabeça e dos membros do Corpo; Mãe da Videira e dos ramos; Mãe da Igreja, da união mística da criação visível e invisível na Pessoa de Jesus Cristo (7).

(3) Maria é a Mãe da criação terrena, sideral e celestial – A maternidade escatológica de Maria estende-se de Jesus à criação inteira: os seres humanos e terrenos, o mundo sideral e celeste, em decorrência da intenção salvífica universal de Deus Trino de, “em Cristo, recapitular tudo que existe no céu e na terra”. Recapitular é pôr sob o domínio da Cabeça (caput): A Cabeça da nova e definitiva criação é “o Cordeiro de pé e imolado desde antes da criação do mundo, mas manifestado, no fim dos tempos, por causa de nós”. Se, pois, Maria é Mãe da Cabeça, é mãe também das coisas encabeçadas por Cristo. Ao criar o ho-mem e a mulher livres, Javé associou ao destino deles, feliz ou infeliz, o destino da criação inteira. “Dominai (‘dominus’ é senhor; senhor é quem serve, não quem oprime) sobre os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais que rastejam na terra. Dou-vos as ervas e árvores para vos alimentar”. O equilíbrio ecológico foi posto pelo Criador, desde o início, sob a responsabilidade do ser humano. Deus lhe deu a liberdade, não como um brinquedo perigoso que o homem usará caprichosamente. Ora, a liberdade humana é o poder de autogestão do ser humano, que a imagem e semelhança de Deus pode usar segundo os critérios éticos postos na inteligência afetiva e intelectual do homem, ou abusar dele, con-triando as marcas do DNA de Deus infundido nas instâncias mentais cognitivas e delibera-tivas da sua criatura de escol. A bondade do Criador é tamanha que Ele preferiu criar seres livres a criar robôs subservientes, programados pra obedecerem cegamente à Sua vontade. Deus sabia que correria o risco de ser traído pela menina dos Seus olhos da criação. Sua decepção com o ser humano foi risco anunciado. “Javé viu que a maldade do ser humano era grande sobre a terra, e que era continuamente mau todo desígnio de seu coração. Javé arrependeu-se de ter feito o

homem sobre a terra, afligiu-se seu coração e Ele disse a Noé: Chegou o fim de toda carne, eu o decidi, pois a terra está cheia de violência por causa dos homens, e eu os farei desaparecer da terra”. A história da humanidade é testemunha que os descendentes de Adão e Eva e toda a criação têm participado mais do destino doloroso que glorioso do homem na terra. Em vez de viver em harmonia com o Criador, os semelhantes e a natureza, o homem entendeu dominar como devastar, começou a depredar a natureza e matar os semelhantes, desafiando o Criador. Por causa da insensatez humana, alastrou-se o mal na criação: assassinatos e devastação da natureza. “Javé agradou-se de Abel e de sua oferenda, mas não se agradou de Caim e de sua oferenda. Caim ficou muito irritado e com o rosto abatido. Lançou-se sobre seu irmão Abel e o matou. A Terra está de luto e todos seus habitantes perecem. O Senhor está em litígio com os habitantes da terra. Não há sinceridade, bondade nem conhecimento de Deus na terra. Juram falso, assassinam, roubam, cometem adultério e violência, acumulam homicídio sobre homicídio. Toda a terra está de-vastada. Por isso, ela está de luto e o céu, lá em cima, se escurecerá. Porque eu falei, decidi e não me arrependerei nem voltarei atrás. Até quando permanecerá a terra em luto e há de secar a erva do campo? Por causa da maldade dos seus habitantes, os pássaros e animais selvagens, as aves do céu e até os peixes do mar desaparecem, por haverem dito: Não verá o Senhor nosso fim. A criação geme e sofre como que dores de parto até o presente dia, es-perando ansiosamente a manifestação dos filhos de Deus. Pois a **criação** foi sujeita á vaidade (não voluntariamente, mas por vontade daquele que a sujeitou), mas com a esperança de ser também libertada do cativeiro da corrupção, para **participar da liberdade** gloriosa dos filhos de Deus”. O anseio por liberdade da criação ferida é o **sonho ecológico** do Criador, que começou a realizar-se na encarnação do Filho, o Primogênito de toda criatura. A encarnação objetiva “reconciliar por Ele e para Ele todos os seres da terra e do céu, reali-zando a paz pelo sangue de Sua cruz”. O sonho de Deus é o **novo céu** e a **nova terra**, fruto da reconciliação universal de toda a criação com o Criador, mediante a livre autoimolação do Cordeiro de Deus. “Vou criar novos céus e nova terra, as coisas antigas não serão lembradas nem tornarão a vir ao coração. Não haverá mais criancinhas que vivem apenas al-guns dias, velho que não complete sua idade; o menino morrerá com cem anos; o pecador só será amaldiçoado aos cem anos. Os homens construirão casas e as habitarão, plantarão videiras e comerão seus frutos. Já não construirão pra que outro habite sua casa, não plan-tarão para que outro coma o fruto, pois a duração da vida do meu povo será como os dias de uma árvore, e meus eleitos consumirão o fruto do trabalho de suas mãos. Não se fatiga-rão inutilmente ou gerarão filhos pra desgraça. Porque constituirão a **raça dos benditos de Javé**, juntamente com seus descendentes. Então o lobo será hóspede do cordeiro e pasta-rão juntos, a pantera se deitará ao pé do cabrito, o leão e o touro comerão juntos e um ga-roto os conduzirá; a vaca e o urso se fraternizarão, suas crias repousarão juntas, o leão co-merá palha com o boi. A criança de peito brincará junto à toca da víbora e o menino des-mamado meterá a mão na toca da áspide. Não se fará mal ou dano em todo o meu santo monte. Porque a terra estará cheia da ciência de Javé, como as águas enchem o mar”. Jesus Cristo é “o Princípio da criação de Deus, o **Primogênito de toda critara**. Foram criadas Nele todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e invisíveis (anjos, seres de outros pla-netas, das profundezas do mar e da terra). Tudo foi criado por Ele e para Ele. Ele existe antes de todas as coisas e todas elas subsistem nele. Tudo foi feito por ele” e por ele tudo será refeito; “sem ele nada foi feito”, sem ele nada será refeito”. Em Belém, “Maria deu à luz seu filho primogênito”, figura corporativa, Goel de toda a criação, e nele, com, por Ele deu à luz todas as coisas, visíveis e invisíveis, criadas por Ele e para Ele. Por conseguinte, sendo *Maria Mãe do Primogênito* de toda criatura, é **Mãe** também *de todas as coisas criadas e recriadas nele*. Ela é Mãe da Igreja, cuja Careça é Cristo, que refaz em Si toda a criação. Mãe do **Cristo Total**, do Redentor da humanidade pecadora e da criação toda em dcesequilíbrio ecológico por causa do pecado humano, fazendo-se e destruindo o pecado do mundo na Sua imolação vicária, e ressuscitando com a nova criação pelo poder regene-rador do Pai e Deus Mãe. “Envias Teu Espírito sobre todos os seres e renovas a face da terra”: **nova terra**. Subindo ao céu no seu corpo redívivo, levando Consigo toda a criação redimidias, Jesus introduz na Família Trinitária a nova criação visível e invisíveis, e a nova humanidade: **novo céu**. Sendo a Mãe do Primogênito da nova criação, Maria é também Mãe das novas criaturas, resgatadas e reunidas por Ele no seu Corpo pela força da ressurreição, que recapitulou todas as coisas em, com e por Cristo. Por isso, todas as gerações a proclamamão “cheia de

graça, mulher feliz”, nova Eva, Mãe dos viventes, “lavados e alve-jados no sangue do Cordeiro”, da nova criação terrena, celeste e angelical (8).

(4) CONCLUSÃO: O mistério da maternidade de Maria – Pelo exposto, percebe-se que a maternidade de Maria não é algo comum na criação: antes, trata-se de um **mistério** “escondido com Cristo em Deus”, revelado a nós na plenitude do tempo. Os profetas anun-ciavam que Javé voltaria no seu Dia, Dia terrível: “O dia de Javé será trevas e não claridade, escuridão, e não luz”, que aniquilará toda iniquidade, e sobre os escombros da ecatom-be cósmica, recriará tudo do zero. Mas, paradoxalmente, o temido Dia de Javé foi de luz, não de trevas. “O povo que andava nas trevas viu uma grande luz, uma luz raiou para os que habitavam uma terra sombria como a da morte. Multiplicaste o povo, deste-lhe grande alegria; eles alegram-se na tua presença como se alegram os ceifadores na ceifa, como se regozijam os que repartem os despojos. Porque o jugo que pesava sobre eles, a canga posta sobre seus ombros, o bastão do opressor, tu os despedaçaste como no dia de Madiã. Pois, toda a bota que pisa ruidosamente no chão, toda a veste que se revolve no sangue serão queimadas, devoradas pelas chamas, porque um menino nos nasceu, um filho nos foi dado, Ele recebeu o poder sobre seus ombros, lhe foi dado este nome: Conselheiro-maravilhoso, Deus-forte, Pai-eterno, Príncipe-da-paz, pra que se multiplique o poder, assegurando o estabelecimento de uma paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, firmando-o, consolidando-o sobre o direito e a justiça. Desde agora e para sempre, o zelo de Javé dos Exércitos fará isto”. A luz de Javé é Jesus, o esperado das nações, que aceitou tomar sobre Si toda a iniquidade do mundo que se abateria sobre seus irmãos pecadores: “A luz brilhou nas trevas, mas as trevas não a apreederam. Eu sou a luz do mundo, quem me se-gue não andará nas trevas, mas terá a luz da vida”. Jesus entrou no mundo anônimo: esteve nove meses no ventre da Mãe, foi parido e posto numa manjedoura, visitado primeiro por mal-afamados pastores, que “encontraram mãe Maria, José e o recém-nascido deitado na

Majedoura, envoltos em faixas”, entre animais.

Qual a razão suficiente para o Filho de Deus ter uma mãe humana? No diálogo intra-trinitário antes do envio do Unigênito ao mundo, a Família Divina constatou ser “impos-sível o sangue de touros e bodes apagarem pecados. Por isso, ao entrar no mundo numa carne semelhante à do pecado, em vista do pecado, pra condenar o pecado na carne, já que os filhos têm em comum carne e sangue, também o Filho participou da mesma condi-ção, pra destruir pela morte o dominador da morte, o diabo. Ele afirmou: Não quiseste sa-crifício e oferenda. Não foram do teu agrado holocaustos e sacrifícios pelo pecado. Mas, *formaste-me um corpo*. Por isso eu digo: Eis que venho, ó Deus, pra fazer a tua vontade. E, graças a esta vontade, nós somos santificados pela oferenda do corpo de Jesus Cristo, rea-lizada **uma vez por todas**. Convinha, pois, que ele se tronasse semelhante a seus irmãos em tudo, para ser, em relação a Deus, um sumo sacerdote misericordioso e fiel, pra expiar, assim, os pecados do povo”. Jesus não tinha pecado, mas foi feito pecado, maldição *em so-lidiedade aos pecadores*, exercendo em plenitude o papel de Redentor da humanidade e da criação. Antes de fazer-nos “partícipes da natureza divina” pela comunicação da Sua santidade ao corpo pecador dos seus irmãos, Jesus fez-se semelhante a nós no pecado. Por isto, o segredo da maternidade de Maria é o desejo de Deus de fazer-se **nosso parente próximo**, nosso Pai, nossa Mãe, nosso Irmão, cúmplice do nosso destino, na graça e na desgraça, a fim de nos fazer partilhar da sua intimidade. Tudo **por amor** gracioso, a troco de nada. “Javé se afeiou a vós e vos escolheu, não por serdes o mais numeroso dos povos – pelo contrário, sois o menor dentre os povos – e sim por amor a vós e para manter a promessa que jurou a vossos pais. Por graça fostes salvos, por meio da fé, e isto não vem de vós, é dom de Deus: não vem das obras, para que ninguém se encha de orgulho. Pois somos criaturas de Deus, criados no Cristo Jesus, para as boas obras que ele já tinha preparado antes pra que as praticássemos”. Ora, aceitando o convite do anjo Gabriel para ser Mãe de Jesus, Maria tonou-se a primeira mediação escolhida por Deus pra salvação do Seu Ungido chegar até nós. Neste sentido, Maria é *a medianeira da graça*. Mas “a graça e a verdade vieram através do homem, Cristo Jesus, o único mediador entre Deus e os homens, que se deu em resgate por todos”. Por isso, Maria e os demais mebrs do Corpo Místico e filhos seus não tem poder algum mediador separados do único Mediador, Cristo. Mas, unidos a Ele a Mãe e seus filhos temos o mesmo poder que Jesus: “Quem crê em mim fará as obras que faço e fará até maiores do que elas, porque vou para o Pai. Posso tudo naquele que me fortalece”. Contudo, foi o *sim na fé incondicional da Mãe* e o *sim na fé* de cada um que cre em Jesus *que*

*possibilitam a chegada da graça de Jesus Cristo até nós. A salvação precisa da mediação humana para se efetivar. Em virtude da comunhão dos santos, Maria, cada membro do Corpo de Cristo, somos mediadores da graça. Se, em vez de sim, Maria tivesse dito não a Gabriel, a salvação aue é Jesus Cristo não teria chega-do até nós. Mas, dizendo sim, ela entrou de cheio no plano da salvação e contribuiu em definitivo para a graça chegar a nós. A prima Isabel percebeu o alcance do sim de Maria quando lhe disse: “Feliz és tu que creste, pois se hão de cumprir as coisas que da parte do Senhor te foram ditas: Ficarás grávida pela fecundidade de Deus Mãe e o poder gerador do Pai; darás à luz o Promogênito da nova criação, “no qual habita corporalmente toda a ple-nitude da divindade, o chamarás de Jesus, porque libertará seu povo dos seus pecados”. Ciente da grandeza do mistério que trazia no ventre, Maria exclama: “Minha alma glorifica o Senhor, exulta meu espírito em Deus, meu Salvador”, porque cumpriu as promessas feitas “em favor de Abraão e sua posteridade para sempre. Por isso, doravante todas as gerações me proclamam bem-aventurada”. Por ser corredentora, Maria partipou da **vida sofrida** do Redentor, como pro-fetizou Simeão quando da purificação da Mãe e Jesus. “Eis que este Menino está destinado a ser uma causa de queda e soerguimento pra muitos em Israel, e um sinal de contradições, a fim de se revelarem os pensamentos de muitos co-rações, e uma *espada traspassará a tua alma*”. De fato, toda a vida da Mãe foi marcada pelo sofrimento solidário *ao sofrimento do Redentor*. Quando engravidou, José ameaçou abandoná-la, com risco de ser apedrejada pois seria mãe solteira. Assim que nasceu Jesus, Herodes o queria matar. Maria e José fugiram com ele pra o Egito, onde viveram exilados. Aos 12 anos Maria sofreu a angús-tia de perder o filho; acompanhou os passos da vida pública dele, marcada por per-guições e maus tratos, até a morte na cruz. “Junto à Cruz de Jesus estavam de pé sua Mãe”. Da anunciação ao Calvário, a maternidade de Maria é marcada pelo sofrimento, em consequência do seu sim ao mistério de Deus que pousou nela e ela aceitou ser a Mãe do Servo Sofredor. Por isso os passos do Homem das Dores são seguidos por Maria das Dores. Mas quando Jesus foi exaltado como o Senhor da gló-ria, sua Mãe, partilhando a vitória do Filho, tornou-se Maria da Glória, Rainha e Mãe do novo céu e da nova terra. A prova disto é sua presença no cenáculo de Jerusalém, em ora-ção junto aos Doze, após a ressurreição e ascensão de Jesus, esperando, a chegada do Espí-rito Santo. Naquele dia ”derramarei meu Espírito sobre todo ser vivo. Sobre meus servos e servas derramarei naqueles dias do meu Espírito e profetizarão. Achavam-se em Jerusalém judeus piedosos de todas as nações que há debaixo do céu”. Na verdade, Pentecostes já se deu na anunciação, pois Deus Mãe vinda sobre Maria renovou todas as coisas no Verbo que se fez carne no ventre dela: “Deus Mãe virá sobre ti e o poder de Deus o Pai te cobrirá com sua sombra”. Se todas as coisas foram criadas no princípio no, com e pelo Varbo, de igual modo todas foram recriadas na Sua encarnção em Maria. O Pentecostes histórico ratificou o da anunciação, pois Deus Mãe foi derramada em abundância sobre todos os povos e criaturas do céu e da terra a partir do Corpo do Ressuscitado, o mesmo corpo do Encarando e do Crucificado. Deus Mãe e o Pai, que geraram Jesus e todas criaturas no corpo de Maria, recapitulou a encarnção no Pentecostes, derramando línguas de fogo sobre toda criação, criando o novo céu e a nova terra, a nova criação, a nova humanidade, o novo povo de Deus, Corpo de Cristo, de cuja Cabeça e membros Maria é Mãe (9).*

Portanto, quando “o Verbo se fez carne” no ventre de Maria, fomos gerados filhos e filhas de Deus nele, com Ele e por Ele. Assim como o Filho, os filhos e filhas de Deus também não somos gerados nem nascemos “do sangue da vontade da carne nem da vontade de homem”, mas nascemos do Pai e Deus Mãe. “O Santo que nascer de ti será chamado Filho de Deus”, no qual fomos gerados filhos de Deus. “Quando chegou a plenitude do tempo, enviou Deus o seu Filho, nascido de uma mulher, nascido sob a Lei, pra remir os que estavam sob a Lei, pra que recebêssemos a adoção filial”. Adoção em relação ao Pai, Deus Mãe e a Maria, na qual o Unigênito tomou corpo humano semelhante ao nosso e se fez o Primogênito da nova criação, se deu pela infusão do Espírito de santidade do Unigênito em seus irmãos. “E porque somos filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito do seu Filho que clama: Abba, Pai”. Como, pela força da **união hipostática**, não se pode separar o divino do humano no Redentor Jesus, somos ao mesmo tempo filhos do Pai e de Deus Mãe, e de Maria, pela fé. Como a Mãe é santa pela fé incondicional, pela abertura existencial absoluta à Palavra de Javé, ela tornou-se a cheia de graça e estava pronta para o Filho tomar corpo nela e nós juntamente com ele. Assim, a fé absoluta de Maria atraiu sobre ela o olhar amoroso do Pai e Deus Mãe, “Senhora que dá vida a todas as coisas”, os quais geraram nela o Primogênito, que tomou um corpo humano no corpo de Maria, preno da vida divina. “Feliz aquela que

creu, pois será cumprido o que lhe foi dito da parte de Deus: Conceberás e darás à luz um filho, ao qual darás o nome de Jesus”, Filho de Deus encarnado. Mas terás também uma multidão de filhos e filhas adotivos, gerados mística-mente em ti junto com Jesus, a Descendência de Abraão, feitos coerdeiros da bênção de Abraão, mediante a fé. Por meio de ti serão abençoadas todas as gerações da terra, filhos teus no Filho’.

Tudo isto se cumpriu através de Maria, a cheia-de-graça por sua abertura incondicional a Deus na fé, que a tornou Mãe, medianeira e virgem. Como membros do Corpo de Cristo e filhos de Mãe Maria também somos plenos e mediadores da graça pela fé, que nos fecunda pra gerar filhos e filhas de Deus, como a fé de Maria gerou-nos com Jesus no seu ventre. Geramos filhos de Deus pelo anúncio da boa nova e vivência da fé operante no amor fraterno. A fé inicia pela audição da Palavra. Quem a acolhe na fé e a vive no amor fraterno, torna-se filho de Deus. “A todos que o receberam, que *creram* no seu nome, *deulhes o poder de se tornarem filhos de Deus*. Eles não nasceram da carne nem da vontade do homem, por genética humana, mas da nova genética do Espírito”. Tendo sido enxertados em Jesus desde a encarnação, ratificada na ressurreição e Pentecostes, e acolhida na fé, tornamo-nos partícipes da natureza divina filial e o nosso DNA é recriado substancialmente, “para as boas obras, que o Pai já havia antes preparado para que as praticássemos”. Tornamo-nos novas criaturas, filhos da genética do Espírito, do DNA degenerado pelo pecado original de Adão e Eva, que negaram a condição criatural pra serem iguais a Deus. O pecado original é transmitido de geração em geração. A fé apaga o pecado e nos faz “filhos de Deus, que enviou aos nossos corações o Espírito filial, que clama: Aba Pai”. A novíssima criação é a obra prima do Criador, que desmoralizou Satanás, que ameaçava levar a criação ao fracasso. A vida é mais forte que a morte. “O amor é forte, é como a morte! Cruel como o abismo é a paixão; suas chamas são chamas de fogo uma faísca de Javé! As águas da torrente jamais poderão apagar o amor, nem os rios afogá-lo. Quisesse alguém dar tudo o que tem para comprar o amor... Seria tratado com desprezo. Onde a morte avultou, a vida superou. Onde estão, ó morte, as tuas calamidades? Onde está, ó Xeol, o teu flagelo”.

Ora, essas maravilhas não teriam acontecido sem o sim de Maria ao Mensageiro de Deus. Seu Sim a tornou **corredentora**, porque teve participação ativa no projeto salvífico da SS. Trindade “na plenitude do tempo”, quando o Unigênito tomou carne no seu ventre. Dizendo sim, ela ativamente participou da redenção como serva Javé, dando prioridade ao projeto de Deus sobre seu projeto pessoal. Ela sabe que faz parte da aliança de Javé com o povo. Quem adere a essa aliança na fé assume suas exigências e compromissos. O sim de Maria na anunciação é, pois, no contexto da aliança: “Socorreu Israel seu servo, conforme prometera a nossos pais. Por ti todos os clãs da terra serão benditos”. Se Maria não tivesse sido fiel à aliança com Javé, talvez o projeto salvífico tivesse abortado antes de nascer. Por outro lado, Maria **não é co-redentora**, porque não operou a redenção, mas Jesus Cristo, o único Salvador e Mediador entre Deus e Seus filhos pecadores. “Há um só Deus, um só Mediador entre Deus e os homens: Jesus Cristo, homem, que se entregou como resgate por todos nós”. Porém, como tudo que o Redentor é por natureza, sua Mãe e Seus irmãos o so-mos por participação na natureza dele. Como membros do Corpo Místico de Jesus, Maria e seus filhos somos co-redentores e co-mediadores da graça. Jesus quis partilhar com os Doze e, através deles, com Sua Mãe e todo o povo fiel, a mediação da graça. “Recebei o Espírito Santo. Como o Pai me enviou, eu vos envio também, pra que vades e deis muitos frutos. A quem eu te enviar, irás, o que eu te ordenar, falarás. Não temas diante deles, por-que eu estou contigo todos os dias até o fim do mundo. Ponho minhas palavras em tua bo-ca. Vê! Constituo-te neste dia (kairós) sobre as nações e reinos, com poder para arrancar e destruir, para exterminar e demolir, para construir e plantar. O que ligardes na terra, será ligado no céu; o que desligardes na terra, será desligado no céu. De Deus vem nossa capa-cidade. Tudo posso naquele que me fortalece. É ele quem opera em nós o querer e o executar, segundo sua vontade. Por isso, em Nome de Cristo exercemos a função de embaixa-dores seus e por nosso intermédio é Deus mesmo quem vos exorta. Quem vos ouve, ouve-me; quem me ouve, ouve o Pai que me enviou; quem vos despreza, despreza-me; quem me despreza, despreza o Pai que enviou-me”. Por força da nossa enxertia no Corpo de Cristo, que nos comunica Sua santidade e nos põe em comunhão com a Família trinitária e com todos que a integram pela fé, na Igreja triunfante e na militante, Deus Mãe que vivifica e potencializa o Ressuscitado e a Família trinitária, vivifica-nos, potencializa-nos e capacita-nos pra “fazer as mesmas obras que Jesus faz, até maiores, pois Ele está no Pai”, Fonte de todo poder no

céu e na terra. Maria gestou no seu ventre Jesus e seus irmãos, juntamente com Ele, pelo poder gerador do Pai e a fecundidade de Deus Mãe. Nossa filiação divina se dá por enxertia no Filho único, desde a criação intratrinitária. “Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, escolheu-nos nele antes da criação do mundo pra sermos santos. No seu amor nos predestinou para sermos adotados como filhos seus em Jesus Cristo, pra sermos con-forme a imagem do Filho, o Primogênito de muitos irmãos”. De toda eternidade, somos vocacionados no amor do Pai e Deus Mãe a ser filhos adotivos no Filho, pra, com Mãe Maria sermos mediadores e dispensadores da graça no mundo, realizando “as boas obras que Deus já antes tinha preparado para que as praticássemos”. Pois, **todo o Corpo de Cristo**, “nele bem articulado”, mediante a fé, participa da sua missão redentora. “Não sou eu que vivo, Cristo vive em mim; não sou que amo, Cristo ama através de mim”. Somos co-redentores com a Mãe, Nele, com ele, por ele, à medida que, por nosso sim generoso na fé em Jesus, tornamo-nos mediadores do amor gracioso do Pai. Jesus atualiza a redenção através da mediação dos que cremos nele, ramos vivos da videira, pedras do novo Templo, membros do Seu Corpo Místico. O amor fraterno visibiliza a fé em Jesus Cristo (10).

Trata-se, portanto, de discussão estéril, esta sobre a mediação de Maria na salvação. Diz-se que ela é medianeira de todas as graças. Como se, para a graça divina chegar a nós, tivesse primeiro que passar pela pessoa de Maria. Neste caso, teria de passar pelos irmãos de Jesus também, membros do Seu Corpo como Sua Mãe. Felizmente, não é verdade, mas grosseira heresia, que violenta a fé da Mãe querida e de seus filhos. Maria jamais aceitaria

um papel que não lhe cabe, pois não seria capaz de cumpri-lo. Só Deus é capaz de salvar, mediante Seus enviados na fé, que, em Seu Nome são embaixadores da reconciliação do mundo com Deus. Embaixadores agem com a autoridade, em Nome do país que o envio pra o representar noutro. Maria e todos os membros do Corpo de Cristo tiram autoridade da fé em Jesus, que configura o envio. A querida Mãe jamais usurparia a função exclusiva do Mediador único da salvação. “A Lei foi dada por Moisés, a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo”. Por outro lado, como já dissemos acima, tudo que o Salvador é e realiza inclui todos e cada um dos membros do seu Corpo, inclusive Maria, que é a pedra viva mais preciosa do novo templo de Deus, o membro mais ativo do Corpo de Cristo. Por ser o Redentor da nova criação, a única figura corporativa e incorporativa da salvação, tudo que Jesus é e faz **por natureza**, seus irmãos e Maria o somos e realizamos **por participação** nele, por estarmos misticamente enxertados nele. Jesus é o Filho Único por natureza; sua Mãe e seus irmãos somos filhos adotivos por participação na natureza do Primogênito, já antes da criação do mundo, “pra sermos santos e irrepreensíveis sob seu olhar, no amor”. Existe coisa mais maravilhosa que saber-se amado com predileção pelo Pai de Jesus e nos-so, que Ele escuta até nossos gemidos? Jesus nos dá o direito de chamar Seu Pai nosso Pai: “Madalena, vai dizer a meus irmãos: Subo ao meu Pai e vosso Pai, ao meu e vosso Deus”. Eis a maravilha de ser Cristão, que só entendem os pobres, os anawin de Javé, que vivem na intimidade de Deus trino e uno pela fé. “Eu te louvo, ó Pai, porque ocultastes estas coi-sas aos doutores e sábios as revelastes aos pequeninos. Fiel é o Deus que vos chamou à comunhão com o seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor. Eu sou a videira, vós, os ramos. Permaneci em mim, como eu permaneço em vós. Como o ramo não pode dar fruto por si mesmo, se não permanece na videira, assim também vós, se não permanecerdes em mim. Produz muito fruto aquele que permanece em mim e eu nele; porque, sem mim nada po-deis fazer. Eu sou a Luz do mundo; quem me segue não andarás nas trevas, mas terá a luz da vida. Vós sois a luz do mundo. Brilhe a vossa luz diante dos homens, para que, vendo as vossas boas obras, glorifiquem vosso Pai que está nos céus”. O Primogênito tem a primazia em tudo. Mas, sua bondade sem medida fez participar sua Mãe e seus irmãos de tudo o que Ele é e tem por natureza, para sermos seus embaixadores plenipotenciários no mundo, mediante a fé. Deus algum faz isto com os fiéis: pela fé, Jesus põe ao nosso dispor todo o poder do Pai. A união mística íntima de vida com ele recria substancialmente nosso DNA por comunicação da vida divina, nos faz novas criaturas, “gerados não do sangue, nem da vontade da carne ou da vontade de homem, mas do Pai e Deus Mãe. A todos que creram no seu Nome, o recebem na fé, Jesus **dá o poder** de se tornarem filhos de Deus, os deifica por participação na sua natureza filial divina”. De modo que, crescendo na fé, va-mos nos transformando na imagem do Primogênito e irmão Jesus; de tanto ser, fazer, dizer o que ele é, diz, faz, cada dia vamos nos assemelhando a ele. Ele é “Cabeça, pela qual todo o Corpo, alimentado e coeso pelas juntas e ligamentos, realiza seu crescimento em Deus”. Ele nos comunica a vida divina, nos põe em comunhão com a SS Trindade e transmite-nos o

poder de realizar boas obras, agir e falar através de nós, como o corpo age através dos membros. Unidos a Ele, com Ele, por Ele os filhos e a Mãe somos intercessores junto ao Pai, participamos da missão sacerdotal exclusiva do Mediador único. “Se permanecerdes em mim e as minhas palavras em vós permanecerem, pedireis tudo que quiserdes e o Pai vo-lo concederá em meu Nome”. Ora, se Jesus concede tantos privilégios aos irmãos, como os negaria a sua Mãe? Sendo o membro número um do Corpo de Cristo, com certeza, Maria, com Cristo, em Cristo, por Cristo é intercessora de peso unida a seu Filho, não separada dele. *A graça vem por Jesus Cristo*, não por Maria e demais membros do Corpo Místico. Mas, Jesus comunica e delega a graça a todos e cada membro do seu Corpo, em particular a Sua Mãe. Maria e cada membro do Corpo de Cristo recebemos a graça salvífica de Deus Mãe como dons e os fazemos frutificar. “Assim como num só corpo há muitos membros e todos os membros não têm a mesma função, de modo análogo, somos muitos mas formamos um só corpo em Cristo, sendo membros uns dos outros. Pois, tendo dons diferentes, conforme a graça que é dada a nós, aquele que tem o dom da profecia, do serviço, da exortação, do ensino, exerça-o segundo a proporção da sua fé. Aquele que dis-tribui seus bens, faça-o com simplicidade; quem preside, com diligência; quem exerce a misericórdia, com alegria”. A missão de Maria decorre do seu Sim a Deus, que permitiu ao Filho de Deus, “no qual habita corporalmente toda a plenitude da Divindade”, vir morar conosco, fazendo-nos filhos e filhas como ele é, carregando nossa cruz como ele carregou a dele. Com razão, Maria é a mediadora principal da vida divina que está plenamente em Jesus Cristo: “Da sua plenitude todos nós recebemos graça sobre graça”. Da Videira a vida se distribui entre os ramos pra que produzam frutos abundantes; do Corpo, a vida se distribui pelos membros, pra que produzam boas obras, “dando de graça o que de graça recebe-mos”. *Jesus Cristo é a Fonte única da graça, da vida divina*. Mas, nele, com ele, por ele a Mãe e todos os santos do céu e da terra pela fé, membros do Corpo de Cristo por enxertia, nos tornamos “rios de água viva que deságuam na vida eterna”. Através dos membros ativos do Corpo de Cristo, na terra e no céu, Mãe Maria na frente, a vida divina atua no mundo, configurada na prática dos valores éticos, na vida familiar, econômica, política, social e eclesial. Cada um que crê em Cristo é cheio de graça como Maria, e chamado a gerar filhos de Deus como ela nos gerou pela fé junto com “o Autor e Realizador da nossa fé. Pela graça de Deus sou o que sou; e sua graça em mim não foi inútil. Trabalhei, não eu, mas a graça de Deus que está em mim”. Portanto, Maria e seus filhos somos mediadores da graças unidos ao único Mediador, ao Sumo Pontífice, Sacerdote segundo a ordem de Melquisedec, Jesus Cristo. Em, com e por Ele, *todos os membros do Seu Corpo somos me-diadores da graça*. Os que exercem a missão sacerdotal, intercessora de Jesus, os contem-plativos entendem isto. Enquanto esteve visível entre nós, Jesus exerceu a tríplice missão do povo de Deus: missão diaconal ou de serviço; missão sacerdotal existencial, não ritual, dom da vida, não oferta de coisas; missão profética, para dizer o que viu e ouviu da boca de Deus. Jesus é mais que Profeta, porque diz o experimentou na intimidade do Pai e de Deus Mãe: “Eu vim para servir, não para ser servido, e dar vida pelo resgate de muitos. Eu falo do que vi e ouvi junto do Pai”. A voltar para o Pai, Jesus exerce a missão perene de eterno sacerdote, entregando aos seus seguidores as missões diaconal de servir os pobres nas suas necessidades de comida, bebida, liberdade, servindo o próprio Jesus neles: “Cada vez que fizestes estas coisas a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes. Todas as vezes que deixastes cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o deixastes de fazer. Porque não é o que diz Senhor, Senhor, que entra no Reino de Deus, mas quem faz a vontade do pai celeste. Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura. E eles saíram a pregar por toda parte, agindo com eles o Senhor, confirmando a Palavra através dos sinais que a acompanhavam”. Unidos a Jesus pela fé, podemos realizar com igual eficiência as obras que Ele realizou. “Quem crê em mim fará as obras que faço e fará até maiores do que elas, porque vou para o Pai”, interceder por aqueles que servirem e falarem em meu Nome. Mas, separados de Jesus missão alguma será bem sucedida: “Sem mim nada podeis”. Ou nossas orações e obras são feitas em, com e por Cristo, mediante a fé, ou são exibicionismo de beatice vazia. “Nossa capa-cidade vem de Deus”, em virtude da nossa enxertia no Primogênito, Jesus Cristo. Maria foi a primeira a ser inundada pela santidade de Deus Mãe, mediante sua fé incondicional ratificada na encarnação, confirmada por Isabel quando Maria a visitou. “Bendita é aquela que creu: o que lhe foi dito da parte do Senhor se cumprirá”. Sem fé, explícita (confessional) ou implícita (prática dos valores éticos dos cristãos anônimos) somos impotentes para realizar as boas obras, que sinalizam a presença do Reino de Deus entre nós. Mas, pela “fé operante

no amor fraterno”, tornamo-nos aliados da SS Trindade e somos presença viva de Jesus Cristo no mundo. Sem muito alarde, silenciosa e anonimamente, porém firmes e eficientes, cômnicos que Jesus age conosco, partilhando sua vida e amizade. Maria, a Mãe de Jesus e nossa, está conosco, intercedendo por nós, nesta jornada laboriosa, sofrida, mas não desesperada, pois a vitória é certa, na esperança. A Mãe sabe que não será frustrado quem vive a fé de verdade, pondo fim ao poderio de Satanás e seus asseclas. O Primogênito é o único Senhor. Depois de ter partilhado as dores do seu Filho, Maria partilha agora seu senhorio: Maria das Dores tornou-se Maria da Glória, cuja missão auxiliar junto ao Filho é rogar que “deponha os poderosos dos seus tronos de opressão e eleve os humildes ao trono do serviço”. Com confiança e ternura filial, invoquemos a Mãe: “Ave, Maria, cheia de graça/ O Senhor é contigo/Bendita sés Tu entre as mulheres/Bendito é o Fruto do teu ventre, Jesus/ Santa Maria, Mãe de Deus/Rogai por nós pecadores/Agora e na hora da nossa morte/Maria Mãe de Jesus e nossa, rogai por nós que recorremos a vós”. Abençoa-nos, Mãe, que reinas com Teu Filho junto ao Pai, na Força do Espírito Santo. Virgem pela entrega absoluta ao amor de Deus uno e trino, ensina-nos a obediência da fé, a liberdade dos filhos e filhas de Deus Pai e Deus Mãe, e irmãos do querido irmão Jesus. Amém **(11)**.

Referências bíblicas

(1) Ap 5,6; 1Pd 1,20; Cl 1,15-17; Hb 1,3; Ef 1,3-6; Jo 1,3; At 17,28; Gn 1,8; Jo 12,32; Lc 1,79 **(2)** Gn 3,15; Is 7,14; Gl 4,4; Mt 1,16.21; 2,11; 12,46-50; 13,55; Lc 1,30-37; 2,49; 11,27-28; Jo 2,1; 19,25; At 1,14; **(3)** Jo 19,26-27; Jr 12, 4; Os 4,3; Rm 8,22; 1Jo 3,5; Gl 3,13; 2Cor 5,20; Is 53,4-6.12; Lc 1,34-35; **(4)** Rm 16,25-26; Ap 1,5; Jo 1,18; Gl 5,6; Cl 1,18; Rm 8,29; Jo 10,30; 14,9-10; Dt 6,4; 5,7; Gn 1,1.10.31; Sb 1,14; 11,24; Sl 103 (104),24.29-30; Jo 1,1-4; Hb 1,2; Cl 13-17; At 17,28; Ef 1,4; Gn 1,27-28; **(5)** Is 1,2-3; Dt 32,6; Mt 2,10; Is 63,16; 64,7; Ef 3,14-15; Jo 20,16-17; 16,27; 14,13-14; Mt 6,5-13.25-34; **(6)** Os 11,1; Is 49,15-16; Mt 23,37; Jo 3,16; 1,12-14; Gl 4,6; Ef 1,4; Hb 2,11-14; 2Pd 1,4; Lc 1,28-36; Mt 1,21; Hb 10,5-7.10; Fl 2,6-7; Hb 2,1-18; Jo 16,14-15; 17,10; Mt 1,18-25; Lc 2,2-23.34-35.46-50; Cl 3,9; Jr 4,4; Dt 6,6; 30,6; **(7)** Jo 20,17; Mt 25,31-46; Hb 2,10-11; Jo 15,5; 1Cor 12,27; Rm 12,4-5; Gl 2,20; 2Cor 5,21; Gl 3,13; Jo 1,29; 2Cor 5,15; Ef 2,4-6.19; Jo 5,24; Ap 21,3; 1 Pd 2,4-6; **(8)** Ef 1,9; 1Pd 2,4-6; Gn 6,5-6.13; Gn 4,4-5.8; Jr 4,27-28;12,4; Os 4,1-3; Rm 8,9-23; Cl 1,15-18; Is 11,6-9; 65,17-25; Ap 3,14; Cl 1,15-20; Lc 2,7; Sl 103(104),30; Lc 1,45; Ap 7,14; **(9)** Cl 3,4; Am 5,20; Is 9,1-6; Jo 1,5; 8,12; Lc 2,12; Hb 2 10-18; 10,1-10; 2Pd 1,4; Dt 7,7-8; Ef 2,4-10; Jo 1,17; 1Tm 2,5-6; Jo 14,12; Fl 2,13; Lc 1,45; Cl 2,9; Mt 1,21; Lc 1,45-55; 2,33-35; Jo 19,25;Lc 1,35; **(10)** Jo 1,14; Lc 1,35; Gl 4,4-5; Lc 1,45; Jo 1,11-13; Ef 2,10; Ct 8,6-8; Rm 5,20; 1Cor 15,55-56; Lc 1,54-55; Gn 12,3; 1Tm 2,5; Jo 20,21-23; Jr 1,7-10; Mt 16,20; 18,18; 2Cor 3,5; 5,20; Fl 2,13; Jo 14,12; Cl 1,15-16; Rm 8,29; Ef 1,4-5; 2,10.21; Gl 2,20; **(11)** Jo 1,17; Ef 1,4; Jo 20,17; Mt 11,25-26; 1Cor 1,9; Jo 8,12; 15,1.4-6; Mt 5,14-16; Jo 1,12-13; 2 Pd 1,4; Cl 2,19; Jo 15 7; Rm 12,4-8; Cl 2,9; Jo 1,16; Mt 10,8; Jo 4,14; Jo 1,16; Jo 4,14; 1Cor 15,10; Hb 12,2; Mc 10,45; Jo 8,38; Mt 25,31-45; 7,21-23; Mc 16,15.20; Lc 1,45; Gl 5,6; Lc 1,52.